

## APRESENTAÇÃO

Com esse segundo número de 2006, encerramos mais uma fase na Revista Humanitas. Conseguimos, com renovado espírito de equipe e vontade de enriquecer o debate acadêmico no interior da PUC-Campinas, retomar a publicação regular da revista, que conta agora com classificação Qualis. Encerro, com este número, minha participação direta na revista, ainda que continue de forma indireta colaborando com os colegas na incessante tarefa de pensar problemas relacionados às Ciências Sociais e História, dentro e fora da PUC-Campinas. Este número reflete a riqueza da pesquisa sendo feita dentro da instituição, mostrando a importância de um veículo como a Humanitas para a divulgação e fomento do pensamento crítico, como parte fundamental da tríade ensino-pesquisa-extensão que fundamenta uma instituição de ensino superior.

Desde pesquisas de docentes até colaborações com alunos, acadêmicos de dentro e de fora da PUC-Campinas, vemos nas páginas da revista a riqueza de possibilidades criadas por um periódico interessado em trazer a público discussões da maior relevância. O trabalho em sala de aula, de contínuo ensino e crescimento dos alunos, não se separa da contínua busca de aprimoramento por parte dos professores-pesquisadores, que dispoño de formas de divulgar seus trabalhos, interagem entre si e com outras instituições de ensino e pesquisa. Aprimorando assim seu trabalho, intervêm de forma decisiva tanto na comunidade interna quanto na sociedade que a engloba, debatendo e interagindo com os problemas do nosso tempo. Faz-se assim uma universidade que de fato cumpre seu caráter de ser fonte de conhecimento, de debate, e de mudanças positivas na vida de seus alunos e da sociedade mais ampla.

O primeiro artigo desse número ilustra de forma patente o que foi dito acima. Débora Moz e Doraci Lopes debatem questões ligadas à habitação na cidade paulista de Itu, relacionando direitos sociais e a história da habitação a partir do estudo de um caso específico, a favela Vila Lucinda, uma das maiores da cidade. O pensamento sobre

o habitar, suas relações com a história e os movimentos sociais é um dos pontos centrais de vários grupos da PUC-Campinas, e esse artigo possibilita mais um passo na consolidação dessa reflexão.

O artigo de Maria Lúcia Fortuna, por outro lado, pensa o interior da instituição escolar investigando como fatores subjetivos interferem nas atividades de gestão no ensino básico. A atual situação de desprestígio e abandono a que está relegada grande parte das instituições de ensino público do país, aliadas a precariedade da própria condição de educador na nossa sociedade mostra a relevância dessa reflexão, que traz elementos para que tal situação seja melhor compreendida e, quiçá, revertida. Ainda que o artigo refira-se ao ensino básico, cabe fazer o paralelo com um sem-número de instituições de ensino superior, nas quais os aspectos subjetivos do professor/gestor também sofrem com uma situação de perda de influência e precariedade que só pode refletir de maneira negativa nas atividades da instituição, e que precisam ser melhor compreendidas.

O artigo de Érica de Souza debate tendências contemporâneas de reconstrução do corpo via novas tecnologias, e como tais tendências alteram experiências humanas fundamentais, como a maternidade. Analisando a venda de partes do corpo (óvulos) pela internet, a autora reflete sobre as conseqüências nos campos moral, ético e identitário que tais experiências possibilitadas por novas tecnologias, permitem. Tal debate, que ocorre nas instituições de maior prestígio internacional, traz à tona a importância de se repensar como as novas tecnologias estão impactando a nossa existência enquanto humanos, e as formas pelas quais indivíduos fazem uso de tais tecnologias.

Da mesma forma, José Alex Soares permite, em seu artigo, uma visão global da problemática econômica em que se encontra a América Latina (e o Brasil) na atualidade, após a opção pelo chamado Consenso de Washington. Uma discussão do neoliberalismo e das formas que tomou no nosso continente, e pedra angular de qualquer repensar

das nossas opções econômicas (e sociais e políticas) para o futuro, processo que se faz premente com as atuais mudanças em curso na geopolítica regional. E ainda sobre política, os autores Altair Fortunato, Carolina Oliveira, Débora Moz, Marialba Maretti, juntamente com Sônia Barbosa analisam os critérios que definem a escolha de candidatos pela comunidade GLBTT. Num país em que se realiza a maior parada gay do planeta, a de São Paulo, essa importante minoria ainda permanece pouco compreendida e relegada a segundo plano pelo poder público, alijada de direitos sociais básicos a que tem direito enquanto

cidadãos. Pensar as formas pelas quais esse grupo escolhe seus candidatos ajuda a entender os rumos que tomará a política partidária nacional no futuro próximo.

Ao leitor, desejo uma boa leitura e que os artigos desse número da revista Humanitas cumpram o papel de ampliar os horizontes do debate acadêmico atual.

**Marko Monteiro**  
**Conselho Editorial**